



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
(PROGRAD) INSTITUTO DE HUMANIDADES-IH BACHARELADO
INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES (BHU)**

REBECA PEREIRA

UTOPIA DA MATERNIDADE

REDENÇÃO-CEARÁ DEZEMBRO/2022

REBECA PEREIRA

UTOPIA DA MATERNIDADE

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BHU) vinculado ao Instituto de Humanidades (IH) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como requisito final para obtenção do diploma em Humanidades.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Joceny de Deus Pinheiro

BANCA EXAMINADORA

Prof. ^a Dra. Joceny de Deus Pinheiro (Orientadora / IH UNILAB)

Prof. ^a (Peti mama Gomes.) (Examinadora / IH UNILAB)

Prof. ^a Dra. Daniele Ellery Mourão (Examinadora / IH UNILAB)

REDENÇÃO-CEARA

DEZEMBRO/2022

TERMO DE APROVAÇÃO

Relatório de vídeo e ficha técnica de conclusão de curso apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Humanidade da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

UTOPIA DA MATERNIDADE

REBECA PEREIRA

Data da aprovação: 18/01/2023> Nota: 10

REDENÇÃO-CEARÁ
JULHO/2022

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de dar graças ao meu bondoso Deus pela sua graça, sustento, apoio e provisão enquanto eu estive longe de casa. Com sua mão me sustentou em cada momento nesta longa jornada da vida acadêmica.

Gostaria de dedicar este trabalho a pessoas importantes da minha vida, minha mãe: Cristina Gomes, meu exemplo de força, braveza, e de fé; obrigada por ter sido meu apoio emocional, financeiro e sobretudo espiritual.

Ao homem da minha vida meu pai: Agostinho Pereira que não teve chances de ver sua pequena crescer e se tornar mulher, mas que mesmo assim terias orgulho do trabalho que fez comigo.

Às minhas adoráveis irmãs que cuidam e me apoiam: Jaclina Pereira, Ivone Pereira e Martina Pereira.

A um presente de Deus em pessoa para comigo: Vitor Yufa, que me viu crescer, e foi como um pai pra mim. Agradeço aos seus conselhos, sua paciência seu carinho, e por ter me dado sua mão de várias formas neste processo.

À minha professora orientadora Joceny de Deus Pinheiro, agradeço o seu espírito incansável e sua paciência mesmo em dias difíceis; Pedi a Deus por uma bênção nesse processo e Ele escolheu você para mim; Obrigada.

Aos meus pastores, líderes, Pr. Antônio Namone e Domingos Ngasse, que sempre me suportam espiritualmente. Por meio de suas intercessões pela minha vida e pelo apoio que me dão, eu sou abençoada.

E, por fim, ao meu produtor e colaborador: Eleaquim Gonçalves, que incansavelmente trabalhou comigo na produção e edição deste documentário, e a todas as mulheres que gentilmente aceitaram dividir comigo um pedaço de suas histórias.

RELATÓRIO DE PESQUISA E COMPOSIÇÃO DO VÍDEO

Título do vídeo: Utopia da Maternidade

Duração do Vídeo: 27 min

ENTREVISTADAS:

Milânia da costa: Mulher negra, de 28 anos, de nacionalidade Guineense, mãe de Robetson de 3 anos de idade e estudante do curso de sociologia pela UNILAB.

Ana Sarta Turé: Mulher negra, de 26 anos, de nacionalidade Guineense mãe de Rânia Alima de 3 anos, e estudante do curso de letras e língua portuguesa pela UNILAB.

Velamina Fernando Paulo: Mulher negra, 27 anos, de nacionalidade Guineense mãe da Jasmim de 6 anos formada em letras e língua portuguesa pela UNILAB.

Angélica Salazar: Mulher branca de 32 anos, missionária e casada, de nacionalidade brasileira, enfermeira e mãe de Caleb de 2 anos.

Morena Ngola: Mulher negra, de 26 anos, de nacionalidade Angolana, mãe da Querem de 3 anos e estudante do curso de enfermagem pela UNILAB.

Ariete Marcelino Batista: Mulher negra, de 25 anos, de nacionalidade Guineense e estudante do curso de Sociologia pela UNILAB.

RESUMO

O presente relatório é o resultado de meses de trabalho de pesquisas bibliográficas e documentais. Realizado através do formato audiovisual, por intermédio de entrevistas cujo título “Utopia da Maternidade”. Este trabalho traz narrativas das mães sobre as suas reais vivências nesta fase de vida e os dilemas do dia a dia. O documentário problematiza a maternidade no âmbito da idealização da própria pela sociedade, incluindo fatores socioeconômicos, culturais, religiosos, meios de comunicação de massas que atuam para apresentar a maternidade como um fenômeno desejável da condição de ser mulher, sobretudo na ideia da romantização e de um padrão não realista em torno da maternidade. O trabalho tem como foco mostrar os dois lados que existe na maternidade, que ela não é apenas maravilhosa, mas também é bastante desafiadora, segundo considerações e análise de mulheres mães com experiências vividas neste universo.

Palavras-chave: Desafios. Glórias. Maternidade. Mulher. Romantização. Utopia

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	8
2.JUSTIFICATIVA.....	9
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
3.1 A ROMANTIZAÇÃO DA MATERNIDADE E SEUS IMPACTOS	10
3.2 OS DESAFIOS E MUDANÇAS NA MATERNIDADE	12
4. METODOLOGIA/ESTRATÉGIA DE ABORDAGEM	18
5. ETAPAS DE REALIZAÇÃO	22
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
7. REFERÊNCIAS	26

1. INTRODUÇÃO

O presente relatório pretende refletir sobre todo trabalho realizado ao longo da fase de pesquisa decorrida em Ceará-Brasil (2022), realizada no formato de um documentário reflexivo, cujo propósito principal é demonstrar através de vivências e experiências de mulheres mães os processos que envolvem esta fase da vida da mulher, dita maternidade, e assim procurar entender as faces da maternidade, seus desafios e suas as glórias,

Durante a pesquisa, o objetivo foi buscar compreender o porquê a maternidade é romantizada praticamente em várias sociedades. Levando em consideração que ela é um fenômeno existente desde o início da humanidade, que apesar de ironicamente não ser uma coisa nova e é inerente a todo ser humano ainda não se fala abertamente sobre suas reais facetas, em lugares como ambiente familiar, ambientes formais como escolas tanto em ambientes informais como nosso dia a dia.

Nesta perspectiva, procuro apresentar esta realidade através deste trabalho compilado de série de entrevistas Simi- estruturadas de mulheres de diferentes faixas etárias, de países e nacionalidades diferentes residentes no Brasil, ao todo estudantes universitários a maioria pela Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) com exceção a uma que estuda e reside em outro estado.

Este relatório traz mais uma fermenta para agregar no âmbito informativo sobre as histórias de seis mulheres que participaram e colaboraram desta pesquisa, suas vivências, seus altos e baixos, e a forma como elas enxergam e vivenciam a maternidade, seus impactos e de certa forma, representam diversas mulheres que vivem neste universo.

2. JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa se justifica com base no atual cenário de propaganda romântica dia após dia em torno da ideia da maternidade. Este reside primeiramente no fato de que apesar da maternidade parecer um fenômeno renomado, ainda existe um mundo de desinformação, tabus e mitos a volta desse tema.

Vivemos em um mundo onde as aparências parecem o que mais importa com a chegada das mídias sociais expandiu-se o mundo de informações onde pessoas mostram o que querem que os outros vejam, e não aconteceu diferente com os conceitos da maternidade. Partindo do pressuposto de que vivemos em sociedades na qual é normalizado romantizar a maternidade por diversos fatores: culturais, socio-econômicos, religiosos entre outros.

A realização deste trabalho se faz necessária e imprescindível por ser uma pesquisa que traz reflexões e discussões que problematizam a romantização da maternidade na nossa sociedade, promovendo a ideia de falar abertamente sobre os reais dilemas que ocorrem à maternidade, pensar certos comportamentos e rótulos que historicamente e socialmente foi atribuído à figura da mulher concernente o ideal da maternidade. Demonstrar situações e realidades que perpassam a vida da mulher quando ela se torna mãe.

Mãe tem que ser dado o direito de reclamar, dizer que está cansada, sobrecarregada sem que alguém olhe para ela com olhar de reprovação ou julgamento, porque, maternidade é uma ambiguidade. É lindo, mas não é fácil ser mãe. Maternidade é mais que só um evento feliz na vida da mulher. É necessária falar dela para que as mulheres e homens possam ter consciência desta realidade. Consciencializar na escolha a partir do querer ser ou não mãe, para que as mães possam ter emprego e acolhimento na educação. Para que uma mãe seja livre para externar seus sentimentos sem ser julgada e parar de fingir que tudo é maravilhoso. É promover liberdade para uma mãe perante esta sociedade opressora, é desmascarar a espetacularização adocicada, distorcida irreal da maternidade sobretudo nas mídias sociais.

Minha escolha e motivação para trabalhar especialmente neste formato audiovisual foi através da minha professora orientadora Joceny de Deus Pinheiro e através de trabalhos documentais de outros pesquisadores/as que eu tive oportunidade de assistir. Por ser um documento visual, possui uma capacidade de alcance maior em termos de aderência e compressão.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 ROMANTIZAÇÃO DA MATERNIDADE E SEUS IMPACTOS NA VIDA DA MULHER

De acordo com o Dicionário Online de Português (2021), “define-se o substantivo feminino maternidade como: Estado, qualidade de ser mãe”. Entretanto o conceito de maternidade ao longo da história passou por alterações em termos de significados e de valores a partir de cada sociedade.

Ao longo da vida de uma grande maioria de mulheres, a maternidade é mencionada inúmeras vezes, nas mais diversas idades, raças e classes sociais. Tudo começa quando ganharmos a nossa primeira boneca e aprendemos a cuidar dela. Crescemos e começamos a escutar: “quando vais me dar um neto? você apenas será completa e realizada quando tiver um filho” etc... As mulheres passam a vida ouvindo isso com base na ideia romântica e idealizada do que realmente significa ser mãe.

A maternidade é considerada uma construção social para além de uma possibilidade biológica. Compreendemos que o conceito de maternidade é socialmente construído e baseado em um discurso que perpassa fatores socioeconômicos, raciais/étnicos, de classe e gênero. Saalfeld (2019) “evidencia que a maternidade é uma experiência única para cada mulher”, o que faz dela heterogênea, contudo, é possível vivenciar esse processo de forma saudável de múltiplas maneiras, respeitando a subjetividade e história de cada mulher.

Existem alguns estereótipos relacionados ao “ser mulher”, dentre eles a de tornar-se mãe. Em uma sociedade onde a ordem vigente ainda é a construção da família nuclear burguesa, conseqüentemente heteronormativa e patriarcal, a maternidade é, por vezes, apresentada como a representação máxima da feminilidade e realização da mulher.
(ÁVILA e VIEIRA, 2018, p. 26).

É comum observar em mídias sociais, campanhas de marketing de empresas de produtos infantis e até mesmo em campanhas de aleitamento materno, a predominância de exibição de mães felizes, bebês risonhos, amamentação espontânea e sem dificuldades, atendendo ao modelo social de uma maternidade idealizada. Esses aspectos idealizados da maternidade vêm acompanhados de valores como realização pessoal, conquista, plenitude e

símbolo de feminilidade. Mas será que a maternidade traz apenas realização pessoal e plenitude como é mostrada? Por que a maternidade é idealizada? Qual seria “o outro lado” da maternidade? Haveria impactos da idealização da maternidade na saúde mental da mulher contemporânea? E as mulheres que decidem pela não maternidade, seria uma decisão fácil? Estas são algumas das questões que este trabalho propõe como reflexão. Nas falas das entrevistadas. Há uma semelhança quando respondem questionários como: O que te ensinaram sobre a maternidade?

Me disseram que a maternidade é maravilhosa, achei que não tinha muitas dificuldades, até eu ter o meu próprio filho e perceber que era tudo diferente, eu passei a viver uma outra realidade, descobrir que precisaria sempre dobrar o meu esforço pra conseguir fazer as coisas que eu preciso fazer. (Melânia da Silva)

Eu acho que eu fui um pouquinho enganada, quando eu optei por ter um parto cesárea eu não achei que eu sairia com uma barriga de seis meses. Na verdade, a mídia não mostra o que a maternidade realmente faz conosco, e eu acho que falta talvez um pouco de conteúdo que seja mais relevante para as mulheres entenderem um pouco mais a realidade... (Angelica Salazar)

Nota-se que a fala delas é carregada de indagações e frustração apesar da maternidade ser algo que foi falada e ensinada a elas desde crianças. O ato de romantizar a maternidade é uma concepção da sociedade que por sua vez impõe padrões irrealistas as mulheres, e quando estes não alcançados eventualmente acarretam impactos a vida e a saúde mental da mulher.

Um ditado popular diz: quando nasce uma mulher nasce uma mãe. Para Souza (2019, p. 62).

“O significado social atribuído à maternidade, pode ser entendido como uma “normativa no que se refere à dimensão da norma social” Na compreensão da autora a maternidade é vista como regra, como um dever, que muitas vezes sacrifica os desejos da mulher e ainda é dita o modo em que as mães precisam se comportar. Além disso, ela problematiza a supervalorização que as mídias atribuem ao papel da mãe através de romanizações em torno da maternidade e critica a prática da maternidade compulsória. A autora afirma que muito dificilmente a mulher escolher ser mãe livre de pressões e que isso acontece de forma estrutural, através da família, do parceiro, do relógio biológico, ou pela falta de orientação sobre uso de contraceptivos. Logo, as mulheres seguem sofrendo com a maternidade compulsória que segundo ela também é a “prática pela qual a conduta feminina é regulada” (Souza, 2019, p.19).

A idealização da maternidade tem um impacto significativo na vida da mulher, sobretudo na questão tocante a sua saúde mental. Percebe-se uma dualidade do idealizado e o enfrentado à maternidade real, ocorre um abalo que pode gerar angústias nas mães ao não terem suas expectativas atendidas com relação a maternidade. Segundo Borsa, Feil e Paniagua (2007), “a ruptura da personificação ideal da maternidade pode ser acompanhada por sentimentos de desapontamento, desânimo e desencantamento, além da sensação de incapacidade frente à maternidade”. Em concordância, Rapoport e Piccinini (2018) apontam que é normal neste período as mães se depararem com sentimentos ambivalentes, ao mesmo tempo que elas doam tudo de si para o bebê, elas vivem a angústia de pouca ou quase nenhuma retribuição, sempre exigindo-se mais cuidados e atenção.

O movimento feminista buscou problematizar esse discurso e pensar a maternidade como construção social, histórica e cultural, de modo que ela fosse vista como decisão e não uma construção social, podendo a mulher optar por ter filhos, e construir uma identidade materna, não existente a priori; ou não ter filhos, por compreender que este não é um destino categórico para todas as mulheres e não reconhecer em si o desejo de ser mãe. Geralmente é um dilema para a mulher. Ela passa por um processo de culpabilização por parte da sociedade e de si mesma. Ao optar por ser mãe, sente-se culpada, ao continuar a trabalhar e ao abandonar sua carreira, uma vez que há discursos contraditórios na sociedade que, ao mesmo tempo que esperam que a mulher dê conta de todas as suas tarefas, colocam sobre ela a responsabilidade de ser "mãe em tempo integral". Desse modo, a mulher desenvolve sentimentos ambíguos com relação à maternidade.

O conceito de amor materno foi assimilado de forma contundente, e por muito tempo não questionável como se fosse uma situação “sine qua non”: mulher = materno. Afirmava-se que a necessidade de maternagem é uma característica universal feminina, fazendo-a parecer um dom, um sentimento instintivo e estritamente biológico que todas as mulheres vivenciariam independentemente da cultura ou da condição socioeconômica: preconcebido, pré-formado, esperava-se apenas a ocasião para exercê-lo, sofrendo-se quando a oportunidade tardava (TOURINHO, 2006, p. 8)

Nessa perspectiva de relacionar a feminidade ao papel adocicado de mãe, compreende-se efeitos das ideologias que impactam significativamente a saúde em mental da mulher é relevante não apoiar ao mesmo tempo acolher as demandas e queixas individuais dessas mulheres visto que a maternidade é uma vivência subjetiva, é preciso que a psicologia crie ativamente espaços de diálogo, e trabalhe para desmistificar o romance ideal de ser mãe, contribuindo para de culpabilização e promoção da autonomia das mulheres em suas escolhas.

Apesar de todas as pesquisas e estudos realizados até o momento e o avanço da desconstrução de paradigmas, a maternidade ainda é vista como obrigação social, uma missão a cumprir para todas as mulheres. Portanto, ressalto a importância de novos estudos que possam analisar os diversos impactos romantização da maternidade tem na saúde da mulher contemporânea.

3.2 Desafios e mudanças na maternidade

“São diversas transformações na vida da mulher após a gestação. Além de lidar com as questões familiares, financeiras e carreira profissional, elas precisam encarar as transformações físicas, o que pode gerar insatisfação com o próprio corpo e uma sensação de fracasso, acabando por deixar o autocuidado em último plano”. (SILVA et al., 2020).

A fala deste autor se relaciona com o relato da maioria das entrevistadas neste trabalho:

O meu filho, eu não só preciso cuidar dele, dar um banho nele, dar de comer, também preciso ter um tempo de qualidade com ele, e não apenas com ele, com meu marido também, da casa, mim da minha saúde do meu lazer, então pra mim este é um grande desafio conciliar todas estas coisas e fazê-los com excelência e manter as minhas emoções controladas, é difícil as vezes o domínio próprio vai embora. (Angelina Salazar)

A partir do momento que eu peguei minha filha nos braços pela primeira vez, logo percebi que tudo tinha mudado, deixei de viver por mim e comecei a viver pela criança, já cheguei a deixar de comer pra dar de comer nela, deixei de vestir para que ela pudesse vestir. O meu corpo mudou e isso na verdade é muito difícil para as mulheres, a verdade é que depois da maternidade a mulher não volta a ter o corpo que tinha antes, vem estrias, peito caído, aumento do peso, barriga flácida ocorrem várias alterações física e até psicológicas. E isso é muito sério, isso chega a levar várias mulheres a depressão e a sociedade não intendia isso... (Morena Ngola)

A maternidade para a mulher torna-se um caminho sem volta, é um estilo de vida na qual a mulher não tem opção de sair de cena e durante o processo cada dia vivido é um desafio. Em frente a tudo isso a mulher ainda precisa lutar e lidar com as pressões externas por parte da sociedade, pelos familiares e até pelas outras mulheres. Tendo em vista a cultura patriarcal que predomina em várias sociedades, as pessoas tendem a reproduzir a ideia da maternidade de uma

forma romântica na qual a figura da mãe é vista como perfeita, forte o tempo todo, dedicada, passiva que cuida dos filhos, e que possui o instinto maternal entre outros.

A exposição do lado difícil e estressante da maternidade tem sido muitas vezes negligenciada historicamente em nossa sociedade em decorrência de diversos mitos e estereótipos que tendem a destacar unicamente seu lado bom e bonito. Nem sempre se aceita que a mãe possa ter dificuldades legítimas e possa se sentir sobrecarregada ao ter que cuidar de um recém-nascido. (RAPOPORT e PICCININI, 2018, p. 216)

Ser uma boa mãe hoje é você ir parir e não poder gritar ou não ter uma acompanhante e ainda ser ridicularizado, ser mãe é ter um filho de 4,5 meses, sair e passar mais de 10 horas fora de casa porque a sua licença maternidade acabou, ser mãe é não poder sair de casa por 2 horas e todos te chamam de irresponsável, é não poder reclamar mesmo estando cansada e quando fala as verdades sobre o que é ser mãe na realidade você é julgada. (HELEN RAMOS, HEL MOTHER; canal, You tube). O fato dessas crenças serem ensinadas com um modelo a seguir, conseqüentemente a sociedade normalizou e age de forma indiferente às reações de uma mãe que não corresponde a estes padrões.

O outro fator bastante relatado numa das falas da entrevista é sobre as pressões:

A questão das pressões que vem de todos os lados, ela vem do lado biológico, emocional, a questão econômica, a questão educacional, acredito que nas mulheres sofremos pressões em todos os aspectos principalmente quando existe exemplos que falharam e a culpa sempre é da mulher. (Angelica Salazar)

A verdade é que existe uma expectativa enorme na questão de performance da mulher com relação a maternidade. A chegada de um filho na vida da mulher não faz com que ela deixe de ser a mulher que era antes, socialmente e tanto profissionalmente, apesar de sim existir mudanças no dia a dia dela não seria o motivo de certa forma ser subestimada, e isolada pela sua nova condição. Ter filho e querer continuar a trabalhar e ouvir: teve filho para dar pros avós criarem ou porque teve filhos se sabe que não terias tempo para ela. De acordo com uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, FGV, 50% das mães são demitidas até dois anos após a licença maternidade. A maioria das entrevistadas aponta que as demissões são conseqüências de preconceitos e do machismo no ambiente de trabalho.

Tendo em conta esta realidade vivida pelas mães na atualidade, várias mulheres optam por abrir mão talvez do sonho de ser mãe para não correrem o risco de fracassar profissionalmente

tentando conciliar a carreira e a maternidade. Não somente nesta área que a mulher se sente desafiada e pressionada, ela é julgada também somente pelo fato de chorar, gritar da dor natural de ter um bebe, e é nessa hora que ela ouve: “na hora de fazer não gritou” se não parar de chorar, vou parar de te atender” é como se ela escolhe-se passar por aquilo.

Segundo a pesquisa realizada pela fundação Perseu Abramo (2010), “no Brasil, é alarmante o número apontado. Em cada quatro mulheres, uma sofre de violência obstétrica durante o parto. Reclamar do tédio ou cansaço físico e psicológico não é bem visto, para isso ela tem que se esconder por trás de máscaras de sorrisos, de aparências para poder ser aceite pela sociedade. Se partirmos da ideia do que é a maternidade na cultura antiga, sobretudo nas culturas Africanas tem um enorme diferencial com o que se vive na atualidade, justamente pelo fato da mulher desta geração possuir múltiplas tarefas socialmente em detrimento a mulher da geração passada isso a sobrecarrega bastante. As redes de apoio que elas tinham davam um significado e uma realidade diferente a esta fase. Eram os familiares, amigos e parentes, a aldeia toda engajada no amparo e no apoio não só material assim como psicológico. Tanto que um provérbio africano diz: “O filho só pertence a mãe quando está no ventre, quando nasce pertence a todos, e é preciso uma sociedade inteira para educar uma criança”.

Os cuidados e a educação de um filho não devia ser somente a responsabilidade da mulher como é o caso de muitas realidades hoje, mas sim de todos. Partindo destas ideias é extremamente indispensável a participação da sociedade em geral nessa jornada da mulher que não é somente mar de rosas, mas um grande desafio. Um filho ocupa um espaço enorme e significativo na vida da mulher, para encaixá-los deve-se abrir mão de muitas coisas na vida: tempo, sono, dinheiro, lazer entre outros. A chegada de um neném na vida da mulher muda tudo à sua volta, desde o físico até o psicológico.

Lidar com novidades é um desafio enorme, e ainda tem dificuldades a enfrentar, sobretudo na fase do puerpério. Os medos, as emoções, sensação de incapacidade, inseguranças, adaptação ao novo corpo, amamentação a solidão a culpa e outras até deparam com a depressão pós parto por não conseguirem lidar com o novo ou até pela frustração das expectativas previamente idealizadas, assunto este que foi bastante abordado pela (Laura Gutman) no seu livro “Maternidade o encontro com suas sombras”.

A lista é enorme e vale a pena sim desmistificar estes fatos. “Amo o meu filho, mas odeio ser mãe” é um dos relatos utilizada por várias mulheres. A frase é profunda, e a linha aqui é tênue, existe dois extremos amar o seu pequeno de uma forma incondicional e ao mesmo tempo

odiar aquela realidade, tudo isso merece uma reflexão... O fato de ser incrível gerar uma vida, ter um pedacinho seu, não torna desta fase fácil. As coisas boas e grandiosas da vida muitas vezes não são gostosas e fáceis de se fazer e a maternidade é uma delas. Além das mudanças emocionais ainda tem as mudanças físicas transitórias e outras são até permanentes, estas transformações e marcas potencialmente tornam-se foco de insatisfação e dor, justamente porque mexe com a autoestima da mulher, e isto está longe de ser algo fútil porque é importante que um ser humano esteja bem consigo mesmo para poder cuidar do outro.

Nas mídias sociais costuma-se ver aquelas fotografias e vídeos nos comerciais da mulher amamentando seu bebê pleno e maravilhoso, porém nem sempre é assim, a verdade fora das câmeras é outra. O que várias vezes se passa por aí é a impressão de que aleitamento é algo simples, natural e intuitivo.

Eu tive vários desafios com amamentação, parece maravilhosa, mas ninguém fala o terror que é o primeiro mês. (Ângela Salazar)

A verdade é que a desinformação e a falta de preparo por parte da mãe podem tornar este estágio de vida ainda mais complicado. A dor, a insuficiência do leite são outras dificuldades que várias mães enfrentam e isto não afeta somente a mãe, mas também a criança.

“Não sabia que as mães às vezes se sentiam sós” (blog Helen Ramos;)

Isto evidencia que estar rodeado de multidões de pessoas às vezes não significa estar não estar só. Pessoas podem estar rodeadas de outras pessoas e se sentirem completamente sozinhas. Não apenas as mães solas que passam por isso, igualmente muitas mulheres com parceiros ou casadas, contemplam esse sentimento “a solidão da maternidade” por isso que as redes de apoio são de extrema importância nesses momentos. “Rede de apoio não é ir na casa de uma mulher puérpera e se instalar lá o dia inteiro, nem ir sem ser chamado ou ficar chateado se ela ainda não abriu a visita, não é sobre você. Rede de apoio não é impor conhecimentos... Rede de apoio é saber ouvir, saber escutar, as vezes tudo o que uma mãe precisa é desabafar” ... (HELEN RAMOS, you tube)

Com o estilo de vida urbano, é tão óbvio esta solidão que as mães enfrentam, as vezes uma mãe se sente como se fosse só ela e seu filho, porque além de ser julgada também é esquecida e excluída de vários círculos sociais, deixada de lado não só pela sociedade, mas também pelos amigos até pelos familiares.

3.3 METODOLOGIA/ESTRATÉGIA DE ABORDAGEM

Tudo começou quando tive certeza de que queria trabalhar com o tema da maternidade. Depois de ter cursado a disciplina de metodologia de pesquisa I e II, comecei a escrever um pré-projeto com o auxílio da professora Georgia Paiva, que era minha professora no momento.

Minha empolgação era gigante pois eu estava trabalhando em um assunto que realmente me interessa. meu foco era entender e procurar respostas das minhas indagações a volta do tema. Quanto mais eu procurava mais interesse eu tinha foi ali que decidi seguir em frente e trabalhar o assunto na espécie de um documentário participativo com o incentivo da minha professora orientadora Joceny de Deus Pinheiro. Iniciou-se o trabalho partir de trocas de ideias com pessoas próximas a mim, foram homens e mulheres de diferentes nacionalidades e culturas, para tentar entender como funciona a maternidade em diferentes contextos. Para minha surpresa muitos tinham compreensões diferentes a volta do assunto, era conflitante tendo em conta o conhecimento que eu já tinha. Foi então que comecei a elaborar minhas perguntas de partida com base nas problemáticas das conversas.

Depois de consideráveis buscas e estratégias para materialização do projeto decidimos dividir o trabalho em seguintes etapas:

Etapa 1: Nos primeiros três meses concentrei em reunir, estudar e explorar as bibliografias, isto é, por meio de artigos científicos, livros, blogs, vídeo aulas através de You tube e google. Eu e minha orientadora fazíamos encontros semanais na qual eu lia dois (2) a três (3) artigos e trazia ao encontro para explorarmos e discutir a volta. Este método foi particularmente bastante agregador para mim pois me proporcionou uma certa familiaridade com o meu tema e com vários autores que trabalharam o mesmo. E foi assim durante o semestre todo.

Etapa 2: A segunda etapa focamos em trabalhar nas entrevistas. Comecei a seleção do meu público-alvo: mulheres mães. Decidimos começar com pre-entrevistas para facilitar no processo de abordagem das entrevistadas. A Minha primeira gravação foi com uma mulher de nacionalidade guineense que diz se sentir mais à vontade falar sobre o tema na língua Criolo. No entanto foi um detalhe que a minha orientadora tinha sugerido e decidimos seguir gravando o

trabalho em dois idiomas. Eu ia na casa das minhas entrevistadas para fazer o trabalho. sempre soube que o tema da maternidade se trata de vulnerabilidade, é uma história pessoal que envolve dores e afetos e essas são coisas geralmente não compartilhamos com qualquer pessoa.

Entretanto, para mim não foi apenas uma relação de entrevistadora e entrevistada que tentei construir, foi uma oportunidade de conhecer essas mulheres num nível pessoal, tanto que tínhamos mais conversas fora das câmeras sobre esse assunto, o que me permitiu ter uma visão mais ampla sobre suas realidades.

Trabalhei com as seguintes pergunta de partida

- 1- O que não te ensinaram sobre a maternidade antes de ser mãe?
- 2- Você diria que existe um lado bom e um lado difícil de ser mãe. Se sim ou não comente?
- 3- Quais as mudanças que teve durante esta fase da maternidade?
- 4- O que a maternidade te proporcionou enquanto pessoa?
- 5- Quais os impactos das redes sociais no ideal de mãe?
- 6- Quais as emoções frequentes no seu dia a dia?
- 7- Quais os maiores desafios de ser mãe?
- 8- Gostarias de ser mãe novamente? Se sim ou não comente.
- 9- Comente a seguinte frase “quando vejo o meu filho tudo vale a pena “.

Para realização das entrevistas usei o meu celular (Samsung A21) que realmente foi uma benção para mim, pois este era a minha preocupação desde o momento que decidi trabalhar com áudio visual. A preocupação era com a qualidade das imagens que por sorte não tive, tendo em conta o fato de que este celular era o único recurso disponível no momento. Trabalhei com um Ring light que foi emprestado por uma amiga para auxiliar com a iluminação. Realmente fez toda a diferença pois a maioria das minhas entrevistas foram gravadas em ambientes fechados.

Figura 1-Gravação e filmagem das cenas



Fonte: Joice (2022)

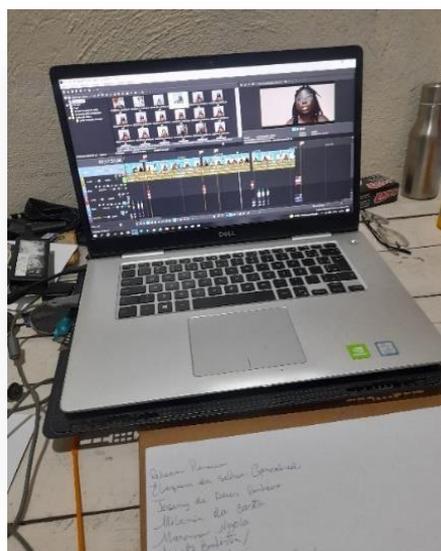
Sem esquecer um detalhe importante na filmagem, que é a questão da posição do celular na hora de filmar que foi sempre na horizontal isto facilitou bastante na hora da edição. Após cada entrevista guardo logo os documentos no drive por segurança.

Este processo foi divertido, fiz novas amizades, adquiri novas experiências de trabalho porque depois cada sessão de entrevista, descubro novas estratégias para a próxima, contando que foi a minha primeira experiência trabalhando.

Etapa 3: A última etapa trabalhamos na edição do documentário, depois de ter reunido todas as entrevistas e pequenos cenários que eventualmente fariam parte o filme.

Não tive nenhum contato antes com edição apenas com pequenos vídeos até então, no entanto, procurei ajuda e foi então que conheci meu produtor Eleaquim e desde então trabalhamos juntos.

Figura 2-Produção e edição do filme



Eu ia de tempo em tempo na casa dele para trabalharmos, foi interessante pois eu pude aprender bastante com ele. Este realmente foi a fase mais desafiadora exigia muita paciência, criatividade, tempo e esforço. Gosto bastante de desenhar para mim e um forma de expressão do que eu sinto e queria que este trabalho tivesse um pouco disso então fiz alguns desenhos que usamos na parte da narrativa do filme. Esta narrativa foi feita com base na rotina, no dia a dia duma das personagens dos filmes.

Figura 3- Desenhos para ilustração-cenários

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto permite uma reflexão de uma forma mais profunda do que a maternidade realmente significa na vida da mulher. Assim em tudo na vida não existe somente um lado bom, sempre existe outro lado que vale a pena ser abordado e a maternidade não é diferente. Esses escritos trazem através de relatos empíricos as vivências que mostram que a maternidade é feita mais de desafios do que momentos de glória é o início de um novo eu assim como de uma nova história.

Diante disso este trabalho objetiva mostrar essas facetas da maternidade, consciencializar e desafiar mulheres e homens a reflexão e adesão neste processo que não pertence apenas a mulher, mas a sociedade no seu todo. De certa forma este processo é inerente a todos. Durante o trabalho foi visto que o ato romantização da maternidade tem os seus impactos na vida da mulher e na sociedade, e mostra os dilemas que perpassam a vida da mulher durante esta fase.

Embora esta produção documental “A utopia da maternidade” seja para obtenção de um diploma, ela transcende âmbito acadêmico. Ela traz problemáticas de um assunto pertinente na atualidade recorrente nas nossas sociedades. A pesquisa torna-se relevante por debruçar um tema que aborda questões reais da realidade de um grupo de mulheres que representam a realidade de muitas mulheres em diferentes contextos e lugares pelo mundo.

Para finalizar trago algumas questões pra que se possam refletir as perspectivas futuras; “até quando a nossa sociedade ainda vai reproduzir a ideia romantizada da maternidade?” “Quando as próprias mulheres irão apoiar e lutar pelas próprias causas diante de uma sociedade opressora a figura feminina?” “O que se espera da sociedade futura em detrimento a mudança de mentalidade a volta da maternidade?” Estamos numa era na qual a tecnologia é extremamente avançada, sobretudo os meios de comunicação e espera-se que este seja uma forma futura de informar, consciencializar e espelhar de forma fiel as nossas realidades especialmente ao ideal da Maternidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CATTONI, Marcelo Andrade de Oliveira Stanley Souza Marques. **Contribuições para uma reconstrução crítica da gramática moderna da maternidade** Rev. Estud. Fem. 28 (1) • 2020 Disponível <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n168037> Acesso 14, fev. 2022.

CORDEIRO Sbaraini Cordeiro **Maternidade Silenciada** Edições anteriores > **v.12, n.01 (2021)** Disponível https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6824 Acesso 12 abril, 2022.

CRISTINE Ruane Cesar Bernardes, Loures Amanda Freitas Andrade Bárbara Batista Silveira A **romantização da maternidade e a culpabilização da mulher**. Rev. Revista Mosaico 2019 jul./dez.; 10 (2): SUPLEMENTO 68-75

Disponível <https://doi.org/10.21727/rm.v10i2Sup.1956> Acesso 7 fev.2022.

EDITEB by Beverly Birns, state University of New York and DALE. F. HAY institute of psychiatry **the different faces of motherhood** (1988).

Disponível <https://books.google.com.br/books?id=SXPdBgAAQBAJ&lpg=PA1&ots=i9qAVn130Q&dq=2%20%20faces%20of%20motherhood&lr&hl=pt-BR&pg=PR15#v=onepage&q=2%20%20faces%20of%20motherhood&f=false> Acesso 09, fev,2022.

FONSECA, Débora dos Santos, POLOMA, Lima Maria Dionísia Alves dos Santos, BARBOSA Luzia Feliciano. **Os impactos da idealização da maternidade na saúde mental da mulher contemporânea**.2021, Monografia (Mestrado em Psicologia), CENTRO

UNIVERSITÁRIO UMA, Belo Horizonte 2021 Disponível em : <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/17238#:~:text=https%3A//repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/17238> Acesso: 08 janeiro de 2022.

FORMIGHIERI, Rubia Carla, Daniele Giordani, Islândia Piccoli, Claudia Bezerra, Almeida Choma Bettega **Maternidade e amamentação: identidade, corpo e gênero** Ciênc. saúde colet. 23 (8) • Ago 2018 Disponível <https://doi.org/10.1590/1413-81232018238.14612016> Acesso 02, jan.2022.

GUTMAN Laura, **A Maternidade e o encontro com a própria sombra**

Disponível <https://dokumen.pub/a-maternidade-e-o-encontro-com-a-propria-sombra-9788546500215.html>. Tradução Luís Carlos Cabral Mariana Laura Corullón [9ª ed.] 9788546500215, *Portugueses Pages 242 Year 2016* Rio de Janeiro | 2016.

HEL, Mather: **Maternidade Real** | Helen Ramos "O inferno da maternidade" | o que ninguém gosta de comentar Mather Disponível <https://youtu.be/TgvvfU6v744> Acesso 10, março. 2022.

IDALINO, Simone do Nascimento, CASTRO, Amanda, **COMPREENDER AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA DEPRESSÃO PÓS-PARTO NAS REDES SOCIAIS**. Ed. Unijuí – Ver. Contexto & Saúde – vol. 20, n. 38, jan./jun. 2020 – ISSN 2176-7114 <http://dx.doi.org/10.21527/2176-7114.2020.38.200-209> p. 200-209. Disponível em: <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/9941#:~:text=DOI%3A-,https%3A//doi.org/10.21527/2176-7114.2020.38.200-209,-Palavraschave%3A%20Depress%C3%A3o> Acesso: 12 jan,2022.

J. J. TECELAO, J.M. USSHER **como a maternidade muda a vida um estudo analítico do discurso com mães de crianças pequenas** Páginas 51-68 | Publicado online: 11 Dez 2007 Disponível <https://doi.org/10.1080/02646839708404533> Acesso 03, abril, 2022.

LEAL, Isabel Pereira, **Psicologia da Maternidade: Alguns Aspectos da Teoria e Prática de Inter-venção análise psicológica 1992 (x) 229-234**. Disponível <https://core.ac.uk/reader/70652770> Acesso 02, março. 2022

MELLO, Caroline Balduci, **Maternidade compulsória: uma revisão do que significa a maternidade sob o ponto de vista do feminismo. 2016. Documentário (Bacharelado em jornalismo)** Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2016. Disponível <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/155718/000888602.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso 12. fev.2022.

NOVELLO, Lia Quiroga, **A maternidade mediada pelas redes sociais**. Dissertação apresentada a Universidade Católica de Lisboa, dezembro 2019. Disponível <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/31002/1/Dissertac%CC%A7a%CC%83o%20-%20Lia%20Novello.pdf> Acesso 23, maio, 2022.

RAMOS Helen, **por que desromantizar a maternidade | Hel Mother** Disponível <https://youtu.be/ndKqO-Hi5Y0> Acesso 10, março, 2022

RUZZARIN, Pesce, Luísa, **O lado B da maternidade: um estudo qualitativo a partir de blogs. Tipo, dissertação de mestrado** Disponível <http://hdl.handle.net/10183/188169> Acesso 08, maio.

SOUZA, Ana Luiza de Figueiredo, **Maternidade, culpa e ruminação em tempos digitais**.

Rev. **Ártemis; João Pessoa** Vol. 25, Ed. 1, (2018): 89-112.A
Disponível <https://www.proquest.com/openview/fb45c5146dcc2cf03954af6b776b74c8/1?pq-origsite=gscholar&cbl=4708196#:~:text=DOI%3A10.22478/ufpb.18078214.2018v25n1.37640>
Acesso 13. Fev.2022

WELLDON Estela: **O mito da maternidade glorificada¹: “Maternidade pervertida” ou “A perversão do instinto maternal”** Rev. bras. psicanálise v.42 n.4 São Paulo dez. 2008
Disponível http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486641X2008000400014#topo Acesso 01 março. 2022

ZORIO, Hemirley Brandao Cristina Brandao, Natalia, Pereira Rodrigues dos Santos, **O desafios da maternidade em relação ao mercado de trabalho**
Disponível <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/1920#:~:text=URI%3A%20A0-,https%3A/repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/1920,Data%20do%20documento> Acesso 12 fev. 2022.

Filme e series relacionados:

Mae só tem duas (Netflix)

Super mães (Netflix)

Turma do peito (Netflix)

Paternidade (Netflix)

Mães e divas (Netflix)

O renascimento do parto 1,2,3 (Netflix)